

EUCANAÃ FERRAZ

Escuta

Poemas

Copyright © 2015 by Eucanaã Ferraz

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Huendel Viana

Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ferraz, Eucanaã

Escuta / Eucanaã Ferraz. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2015.

ISBN 978-85-359-2520-3

1. Poesia brasileira I. Título.

14-11588

CDD-869.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

ORELHAS

1, 13

2, 14

RUIM

Esta placa, 17

Manter o cinto afivelado, 20

Tinha que ser linda, 22

A liberdade de seguir por esta via, 23

Cada pétala pondera, 25

Qualquer outro nome, 26

E da terra abandonada, 27

Sem poder dizer de si mesmo, 28

Foi-se a vontade de ir ao Egito, 30

Na curva deste minuto, 32

Apenas se diverte, 34

E desenha na memória, 35

Como se jamais, 36

Talvez te perdi de vez, 37

Sábado quase meia-noite, 38

E não bastasse todo o ouropel, 39

Quando já desfeita a mímica, 41

As palavras vos fizeram, 44

Rápidos e vão embora, 45

A nítida impressão, 47

Index, 48
Sem saber o que fazia, 50
O Ruby Passion, 51
Nessas horas num momento, 53

ALEGRIA

Então, 57
Novelas, 59
Fábula, 61
Geografia, 63
Quem (ela), 65
Quem (ele), 66
Escada, 68
Graça, 69
Visão, 70
Digo, 71
Belo, 72
Perfeito, 73
Perfect, 75
Simples, 76
Lance, 78
Cena, 79
Isto, 80
Beira-mar, 81
Certo, 83
Fuga, 84
Lembrador, 85
Poema, 87
Alguém, 88
Ouvido, 89

Santiaguino, 90

Sur, 93

Kodak, 96

MEMÓRIAS PÓSTUMAS

Eis, 99

Que, 101

Sem, 102

Se, 103

Nem, 106

Quem, 107

Ao, 108

Por, 109

Lhe, 110

De, 111

Te, 112

!, 113

Des, 114

X, 115

Sob, 116

E, 117

Os, 118

Ou, 119

Me, 120

À, 122

ORELHAS

3, 125

4, 126

Do autor, 127

ORELHAS

I

Estão certas todas as canções banais letras convencionais seus corações como são de praxe; estão certos os poemas enfáticos inchados de artifícios à luz óbvia da lua ou de estúpidos crepúsculos; os sonetos mal alinhavados toscos estão certos bem como as confissões íntimas não lapidadas reles nem polidas; ouçamos o que dizem sobre qualquer coisa; dizem não vai dar certo; repetem; e se o verso é trivial é o mais sagaz quanto mais pueril mais seguro quanto mais frouxo mais sólido quanto mais rasteiro mais a toda prova e quanto mais barato e quanto mais prolixo o alexandrino mais legítimo; as formas desdentadas vêm do fundo; as odes indigestas dizem tudo; o verso oco não traz menos que a verdade nua e ponto. Estão certos os romances de aeroporto; a quem busca um modelo procure o estúpido; se deseja uma estrela de primeira grandeza escolha o simplório; é o que digo não busque senão na aberração a sinceridade e no disparate a franqueza; prêmios literários não passam de hipocrisia; estiveram desde sempre certos os erros de tipografia; o contrassenso deve ser o mandamento de quem precisa disfarçar o mal-estar após mostrá-lo sem pudor; sim a saudade arde exatamente como nos roteiros dos filmes mas só as fitas mais chinfrins e com fins infelizes não mistificam e dizem de antemão o que seremos: redundância errância perfeição.

2

Poema em que a língua diga mais;
em que a língua foi adiante da língua;
em que a língua diga ainda que a língua
irá antes da língua e chegará primeiro
a um céu sem nuvem sem anjo sem pássaro
sem signos do zodíaco porque não há estrelas
na abóbada do papel em branco entre dentes
como pedras desenhando um país deserto
em que a língua já não diga a língua
e seja só a perspectiva de outra língua
que a anule numa espécie de fruto sem árvore
ou semente; língua inexplicavelmente
que para facilitar chamemos beijo.

RUIM

Esta placa

Como se eu mesmo dissesse,
como se eu próprio afirmasse
(começa com *eu*, meu nome)
que sou o que me nomeia:

lugar de não ser ainda,
solo tão só prometido,
projeto de geografia
para depois de amanhã.

Meu nome não sou agora,
moro no mundo futuro.
Meu pai me deu esse nome
sem que eu pudesse fazê-lo.

Mal posso escrevê-lo certo
nos documentos que o pedem.
Não existo no meu nome,
coisa que vive sem mim.

Ele se diz sendo eu,
este nome que me afirma,
mas o que nele me aponta
é também o que me acusa

de eu não ser o que ele diz.
Queria viver sem nome,
ser o que sou: eu-ninguém.
Me chamarem — ei, você! —

e eu me reconheceria,
perfeitamente não sendo
senão uma coisa livre
do que jamais prometi.

Mas à cara está colada
(certas tintas não se apagam)
esta placa, este engano
à beira de mim-estrada.

Se terra, sou terra a terra,
o agora sem vaticínios
de um norte em que mel e leite
jorrassem fáceis, sem dor.

Só existo em chão estreito,
nuns versos de amor e morte,
palavras ditas no escuro,
fósforo, poço, você.

Sou o exilado do nome
que carrego, vice-versa,
sem ter nunca visto a pátria
que minto quando me digo

toda vez em que respondo:
como é que você se chama?
Vou aos livros, não encontro.
Pergunto. Não está no atlas.

E o infinito infinito.

A terra estará cumprida
quando estiver concluída.
Então, morarei ali,
sob ela, dentro dela,

sem ser eu, sem eu, não ser.